

# A CHRYSALIDA

JORNAL SCIENTIFICO LITTERARIO E NOTICIOSO

Redactor principal — o academico J. P. da Silva Guimarães

ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL

Por uma serie de

16 numeros . . . . .

Numero avulso 200 rs.

4\$500

Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados  
e subscreve-se na rua do Ouvidor n. 42.

ASSIGNATURA

PARA FORA

Por uma serie de

16 numeros . . . . .

Numero avulso 200 rs.

5\$000



## A CHRYSALIDA

S. Paulo, 4 de Março.

« Na idade em que os mancebos romanos revestiam a toga viril e deixavam os mascullos exercicios do campo de Marte pelas fadigas mais sérias e mais fecundas da guerra, os filhos das gerações modernas, deixando os descuidos da infancia, vão esgrimir-se na arena talvez mais fértil, mais civilisadora é certo, da sciencia e das letras. »

Dizia-o ha nove annos uma das mais brilhantes intelligencias da nossa Faculdade de Direito, e pôde ser ainda hoje repetido com actualidade ao encetarmos a publicação do nosso jornal.

Nesse tempo entretanto, verdadeira idade de ouro da litteratura academica em S. Paulo, o espirito de associação estava em seu maior florescimento: o Ensaio Philosophico tinha a sua *Revista Mensal*, o Atheneu Paulistano os seus *Ensaio Litterarios*, o Culto á Sciencia as suas *Memorias*, o Club Scientifico os seus *Exercicios Litterarios*, o Amor á Sciencia os seus *Murmurios Juvenis*, a Brazilia os seus *Ensaio*, o Instituto Academico o seu *Kaleidoscopio*; a *Legenda*, o *Tymbira*, a *Revista Dramatica*, os *Esboços Litterarios*, o *Lyrio*, tudo isso publicava-se no mesmo anno, com interesse, com affan, com brilhantismo.

## FOLHETIM DA CHRYSALIDA

### CONTOS DA MEIA-NOITE

I

#### A ESMOLA DO DIABO

Per larga estrada, que atravessava uma planicie vastissima, ia um mysterioso caminheiro de vestes esquelidas e ademan feroz.

Um amplo manto pardacento, rasgado em muitas partes, velava-lhe em alguns lugares os andraxes; chapéu felpudo e desabado escondia-lhe a testa; forravam-lhe os pés duas grossas sandalias.

Assim, n'aquella hora de ardente sol, caminhava elle, e seu andar era magestoso e seu olhar ameaçador.

Ao longe, porém, n'uma sinuosidade do caminho, assomavam dois vultos.

O viajor os avistára, e de subito as feições assustadas tornaram-se-lhe joviaes e de meiga bondade. A transfiguração foi admiravel e completa.

Os outros, porém, já vinham a pouca distancia.

Era um velho cego que tropeçava a cada passo e um moço de rosto amavel que o conduzia pela mão.

Ao passarem pelo desconhecido, o moço fallou-lhe, estendendo o chapéu de palha:

— Uma esmola para o velho cego, meu senhor.

O homem do manto preto levou a mão aos bolsos e atirou, risonho, uma moeda de cobre ao chapéu do mendigo.

A poesia era representada pelas *Harmonias Brasileiras*, a critica pelos *Estudos* de Macedo Soares, a oratoria por Mello Mattos (Luiz) ou por Theodomiro, a politica por Theophilo Otttoni ou Rangel Pestana, o folhetim por Belfort Duarte, os estudos do direito por Pinto Moreira, o romance por Couto Magalhães; e Pedro Luiz succedia a Felix da Cunha, assim como Varella devia dentro em pouco receber inteira a herança de Bernardo Guimarães.

Nesse tempo prendia e chamava toda aquella geração de moços ás luctas litterarias um laço poderoso e fecundo — o da fraternidade academica.

Quando um jornal apparecia em publico, abria-se para todos, era um campo de geral porfia, em que todos os talentos vinham provar-se.

Hoje os sizoços cursistas, tomando muito ao serio o seu direito civil, como que chegam a desdenhar dessa fide das letras que fez a gloria e os encantos daquella epocha.

Pois bem, a nossa modesta folha tem apenas um feto: ser o echo, posto que tenue, daquelles vividos dias academicos, chamando a um centro commum os elementos dispersos, convidando as intelligencias que ainda hoje abrilhantam a nossa Faculdade, mas que se deixam ficar cada qual á sua parte, e intentando em summa uma verdadeira cruzada contra o espirito egoistico que tão profundamente lavra entre nós.

Este a passou ao velho, e seguiu, dizendo:

— Obrigado, meu senhor. Deus o ajude. E seguiu.

Já ao longe, o caminheiro que dera a esmola voltou para traz os olhos, e, ao desaparecerem os mendigos, um sorriso feroz passou-lhe pelos labios e seus olhos brilharam com fulgor sinistro.

Tres horas depois, cruzavam os umbraes de uma taverna o velho cego e o moço conductor.

— Venda-nos um pão, disse elle, pondo sobre o balcão a moeda de cobre que recebêra.

Uma creança loira tomou o dinheiro e deu-lhe o pão. Recebendo-o, o moço retirou-se, levando o cego pela mão.

Chegando á sombra de uma frondosa arvore, á beira do caminho, o conductor disse ao velho:

— Paramos aqui, meu pai. Deveis ter fome: tomae.

E deu-lhe o pão.

— E não o queres tu?

— Não, senhor.

O velho apoderára-se do pão e comia-o com avidez.

De subito deixou-o cair, gritando em voz medonha e abafada:

— Pedro!... meu filho!... vem... corre!... que horror!!!

O moço voltou-se sobresaltado. Seu pae fazia horribes visagens, procurando com as mãos afastar de si alguma coisa.

— Que é, meu pae?!... que é que tendes?!...

O velho continuava inquieto:

— Afasta-o d'aqui, Pedro!... Salva-me, meu filho! Elle quer matar-me... Pedro!... onde estás?! não me ouves?!... Vem...

— Fallae, senhor! Que vedes?!... que soffreis?!... E o pae fallava já em delirio:

Nesse intuito trabalharemos.

Só Deus sabe qual o resultado do nosso esforço.

## ENSINO LIVRE

Entre as magnas e differentes questões que na actualidade mais são debatidas e sustentadas com vigor de ambos os lados por que são encaradas, nota-se a do ensino livre.

De alguns annos a esta parte grandes vultos, que se tem recommendado pelas sabias e solidas doutrinas que tem pregado, veem-se a braços com os argumentos fortes e importantes que esta questão tem appresentado, porque, sendo ella de tanta monta e de tão grande interesse para a mocidade que hoje levanta-se cheia de vida e de esperança no futuro, não podia por certo passar indifferente pela geração actual, que tem por divisa pugnar pelos seus direitos e pela garantia dos dos futuros seus irmãos.

Suscitando esta importante questão, temos em vista demonstrar o desejo ardente e sincero que nutrimos de que espalhe-se pelo povo a instrucção, afim de que elle não seja victima de sua ignorancia tão fatal ao desenvolvimento e progresso da sociedade.

O primeiro e mais vulgar argumento de que lançam mão os que combatem o ensino livre é que quanto menos instruída fôr uma sociedade, tanto menos corrompida será ella.

— O demonio!!!... todo negro!... cercado de fogo... horror!!!... Meu filho... Ai!...

E seu corpo tombou sem vida na terra dura do caminho.

Pedro correu para elle, quiz tomá-lo nos braços; mas o corpo do velho já estava gelidamente frio e, pouco depois, o pobre filho sentiu o máu humor que exhalava o corpo do pae, como si de ha muito estivera em putrefacção!

Mas, uma fumaça que se erguia do chão attrahiu seu olhar.

Era o resto do pão que se abrasára e d'onde levantava-se uma fumaça espessa em negros rolos!

Pedro horrorisado tentou erguer o cadaver do pae; não pôde si quer movê-lo: pesava como si fôra de ferro.

O desventurado moço correu á taverna, que não distava muito d'alli.

No lugar em que ella era edificada encontrou vorazes chammas que se erguiam em linguas rubras ao ar.

E lá, no meio das chammas, estava o desconhecido viajor que lhe dera a fatal moeda de cobre, e que recebeu-o com uma gargalhada estridente.

Seus olhos despediam fogo, e seus dentes horribilmente amarellos rangiam medonhos.

Pedro recuou horrorisado.

O homem mysterioso ergueu-se... ergueu-se das flammias e, com estampido horrendo, desapareceu.

— Era o diabo!!!

Passados momentos, Pedro ergueu a cabeça, olhou fecto as cinzas, e afastou-se em correr vertiginoso.

Ao passar pelo cadaver do pae, seus labios entreabriram-se n'uma gargalhada convulsiva e estridente. Estava louco!

L. DE M.